

•

GUIA PARA FAMÍLIAS

Primeiros sinais, primeiros passos

Um guia acolhedor sobre TEA e intervenção precoce —
para acompanhar o desenvolvimento com presença e sem pressa.



Yasmim Tagliatella · Fonoaudióloga

São Bento do Sul · SC · fonoyasmimtagli.com.br

Antes de tudo, respire.

Se este guia chegou até você, talvez existam dúvidas, observações ou até um friozinho na barriga sobre o desenvolvimento de uma criança querida. Está tudo bem sentir isso. Perguntas são um gesto de cuidado — e é por elas que todo caminho começa.

Este material foi criado para acompanhar famílias e cuidadores: explicar, em linguagem simples, o que é o Transtorno do Espectro Autista (TEA), por que os primeiros anos de vida são tão importantes e o que você pode observar e fazer no dia a dia, em casa.

“A comunicação floresce quando existe segurança para ser quem se é, experimentar e se expressar.”

Aqui você não vai encontrar alarmismo nem promessas milagrosas. Vai encontrar informação de qualidade, organizada com calma, para apoiar decisões bem informadas.

Como usar este guia

Leia sem pressa, no seu tempo. Marque o que fizer sentido para a sua família. E lembre-se: este material é educativo e não substitui a avaliação individualizada de profissionais de saúde. Cada criança tem uma história única — e merece um olhar único.

O que é o TEA?

O Transtorno do Espectro Autista é uma condição do neurodesenvolvimento. Isso significa que o cérebro se desenvolve de um jeito diferente — não errado, não “quebrado”: diferente. Essa diferença aparece principalmente em duas áreas: a comunicação e interação social e o repertório de interesses e comportamentos, que pode ser mais repetitivo ou intenso.

A palavra “espectro” é importante: não existem duas pessoas autistas iguais. Algumas falam muito, outras se comunicam por gestos, imagens ou dispositivos; algumas precisam de muito apoio, outras de pouco. Por isso, comparações entre crianças dizem muito pouco — o que importa é a trajetória de cada criança.

Não é doença

O TEA não se “pega” nem se “cura”. É uma forma de ser e de perceber o mundo, que acompanha a pessoa ao longo da vida.

Não tem culpados

Vacinas, estilo de criação ou “falta de estímulo” não causam autismo. A ciência aponta forte influência de fatores genéticos e do neurodesenvolvimento.

Cada criança é única

Interesses, sensibilidades e formas de se comunicar variam muito. O plano de cuidado precisa respeitar essa singularidade.

Comunicação vai além da fala

Olhar, apontar, mostrar, sorrir em resposta: tudo isso é comunicação — e vem antes das palavras.

“Suporte à comunicação considera interesses, autonomia, identidade e singularidade de cada pessoa.”

Por que os primeiros anos importam tanto?

Nos primeiros anos de vida, o cérebro forma conexões em uma velocidade impressionante. É a chamada neuroplasticidade: uma janela em que aprender, imitar, brincar e se comunicar moldam ativamente o desenvolvimento.

É por isso que a intervenção precoce faz tanta diferença. Quando a criança recebe apoio cedo — em parceria com a família — ampliamos oportunidades de comunicação, interação e autonomia que acompanham a vida inteira.

Um ponto essencial

Não é preciso esperar um diagnóstico fechado para começar a estimular e acompanhar. As diretrizes brasileiras mais recentes orientam que os estímulos e as intervenções comecem assim que houver sinais de alerta — o diagnóstico pode ser construído em paralelo, sem que a criança perca tempo precioso.

O que a intervenção precoce envolve?

Mais do que “sessões”, é um jeito de cuidar: fortalecer a comunicação nas rotinas reais — o banho, a refeição, o brincar no chão da sala. A fonoaudiologia atua no desenvolvimento da linguagem e da comunicação, em diálogo com outros profissionais quando necessário, e sempre com a família como protagonista.

“Acompanhamento nos primeiros anos de vida para favorecer comunicação, interação e desenvolvimento, em parceria com a família.”

Sinais que merecem atenção, idade por idade

Os sinais abaixo não são um diagnóstico — são convites para observar e, se necessário, conversar com um profissional. Considere sempre o conjunto e a constância dos comportamentos, não um episódio isolado.

Por volta dos 9 meses

Pouco contato visual durante interações; não responde quando é chamado pelo nome; poucas trocas de sorrisos, sons e expressões com quem cuida.

Por volta dos 12 meses

Não balbucia (“bababa”, “dadada”); não usa gestos como apontar, mostrar ou dar tchau; pouco interesse em brincadeiras compartilhadas, como esconde-achou.

Por volta dos 16 meses

Não fala palavras isoladas com intenção; não aponta para mostrar algo interessante; não busca compartilhar a atenção do adulto (olhar junto para a mesma coisa).

A partir dos 24 meses

Não combina duas palavras com sentido (“quer água”); vocabulário muito reduzido para a idade; brincadeiras muito repetitivas; perda de habilidades que já tinha (fala ou gestos) — este último sinal, em qualquer idade, merece avaliação.

Você sabia?

Desde 2025, o Ministério da Saúde orienta que todas as crianças entre 16 e 30 meses passem pela triagem M-CHAT-R na atenção primária — um questionário simples que ajuda a identificar sinais precoces. Você pode conversar sobre ele na consulta de puericultura do seu filho.

Mitos e verdades

“É só esperar, cada criança tem seu tempo.”

Cada criança tem seu ritmo, sim — mas sinais persistentes merecem avaliação. Esperar “para ver” pode adiar apoios valiosos. Avaliar cedo nunca prejudica; adiar pode custar tempo.

“Menino fala mais tarde mesmo.”

Pequenas variações existem, mas os marcos de desenvolvimento valem para todas as crianças. Sexo não é justificativa para ausência de sinais importantes.

“Tablet e TV ensinam a falar.”

A linguagem nasce da troca com pessoas reais. Telas em excesso, especialmente antes dos 2 anos, tendem a reduzir as oportunidades de interação que fazem a fala crescer.

“Ele não fala porque é preguiçoso.”

Preguiça não explica atraso de linguagem. Quando a comunicação não avança, existe um motivo — e descobrir esse motivo é papel da avaliação profissional.

“Se olhar nos olhos às vezes, não é autismo.”

O TEA é um espectro: uma criança pode ter contato visual em alguns momentos e ainda assim precisar de apoio. Nenhum sinal isolado confirma ou descarta nada.

O que a família pode fazer no dia a dia

A família não é plateia do desenvolvimento — é parte ativa dele. Pequenas atitudes, repetidas com afeto todos os dias, criam um terreno fértil para a comunicação. Algumas ideias:

1 • Desça ao chão

Brinque na altura da criança, de frente para ela. Rosto visível é convite para a troca de olhares, sons e expressões.

3 • Narre o cotidiano

Dê nome ao que vocês vivem: “água”, “banho”, “acabou”. Frases curtas, tom afetuoso, muitas repetições.

5 • Gestos são bem-vindos

Apontar, dar tchau, bater palminha: gestos não atrasam a fala — eles a preparam. Comemore cada tentativa de comunicação.

2 • Siga o interesse dela

Observe para onde vai a atenção da criança e entre na brincadeira dela — em vez de trazê-la para a sua. O interesse é a porta de entrada da comunicação.

4 • Espere a resposta

Depois de falar ou fazer algo, faça uma pausa e espere — olhar, gesto, som, qualquer resposta vale. A pausa ensina que conversa é uma troca.

6 • Menos telas, mais colo

Antes dos 2 anos, evite telas ao máximo. Prefira livros, cantigas, brincadeiras de mão e o bom e velho esconde-achou.

“Orientação às famílias para que o cuidado também encontre espaço na rotina.”

Como funciona o acompanhamento fonoaudiológico

Buscar avaliação não é “rotular” uma criança — é abrir portas para que ela seja compreendida e apoiada do jeito que precisa. O processo acontece com calma, clareza e parceria:

01

Conversa inicial

Um primeiro encontro para escutar a história da família, as dúvidas e as prioridades. Sem julgamentos, sem pressa.

02

Avaliação individualizada

Observação cuidadosa da criança — brincando, interagindo, se comunicando — para compreender necessidades e potências.

03

Plano terapêutico

Um caminho construído em conjunto, com objetivos que façam sentido para a rotina real da família.

Ninguém precisa caminhar sozinho

Quando necessário, o cuidado acontece em rede: diálogo com pediatra, escola e outros terapeutas que acompanham a mesma história, além de encaminhamentos conscientes quando outra escuta pode somar ao percurso.

Quando procurar avaliação?

Procure uma avaliação fonoaudiológica se você percebe, de forma constante, um ou mais sinais deste guia — ou simplesmente se a dúvida não sai da sua cabeça. Intuição de família é informação clínica valiosa.

Vale lembrar

Sinal de alerta não é diagnóstico. Avaliar cedo é um ato de cuidado: se estiver tudo bem, a família ganha tranquilidade e orientações; se houver algo a apoiar, a criança ganha tempo — o recurso mais precioso do desenvolvimento.

Checklist rápido para a consulta

Leve suas observações anotadas: com que idade surgiram as preocupações? O que a criança faz para se comunicar (olhar, gestos, sons, palavras)? Como ela brinca? Houve perda de alguma habilidade? Vídeos curtos do dia a dia também ajudam muito na avaliação.

“Cada voz encontra seu próprio caminho.”

O caminho da sua família pode começar com uma conversa.

Vamos encontrar um caminho possível, juntas(os)?

Yasmim Tagliatella · Fonoaudióloga
Atendimento presencial em São Bento do Sul · SC

WhatsApp: (47) 98800-4571
Instagram: @fonoyasmimtagli
fonoyasmimtagli.com.br

Material educativo — não substitui avaliação profissional individualizada.

Referências: Sociedade Brasileira de Pediatria (Triagem precoce para autismo); Ministério da Saúde — Linha de Cuidado TEA e triagem M-CHAT-R (2025); CDC — Marcos do desenvolvimento.